

Iraci del Nero da Costa

A Demografia Histórica determinou uma revisão de nossa História

Economista e historiador que ao longo de sua carreira dedicou especial interesse à Demografia Histórica, Iraci del Nero da Costa crê existir ainda muito a pesquisar nos arquivos brasileiros, sendo necessária uma grande mobilização para garantir a preservação e o acesso a nossos acervos documentais.

> Inovação em temas de pesquisa, rigorosa reflexão teórica, generosidade intelectual. Essas são algumas noções que se associam à trajetória acadêmica de Iraci del Nero da Costa. Formado pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) da Universidade de São Paulo (USP), instituição na qual também foi professor, nosso entrevistado desenvolveu pesquisas pioneiras no mestrado, doutorado e livre-docência. Suas áreas de interesse se distribuíram entre vários campos do conhecimento, estabelecendo uma interlocução entre Economia, História e Filosofia, com destaque para alguns dos elementos do pensamento de Marx e Hegel.

É, porém, no campo da História, particularmente da Demografia Histórica, que mais se destacou sua contribuição em relação a Minas Gerais. Desde a década de 1970, o pesquisador tem colaborado para uma compreensão mais aprofundada da realidade econômica e social do período colonial, tendo desenvolvido estudo rigoroso da evolução populacional mineira, principalmente por meio do levantamento de dados dos registros eclesiásticos paroquiais e das listas nominativas de população – essa última fonte também explorada por pesquisadores mineiros, como Clotilde Paiva, Roberto Martins e Douglas Libby.

Em 1979, Iraci del Nero da Costa publica a primeira síntese desses estudos em *Vila Rica*:

[Um roubo] muito perturbava seu pároco, o qual, simplesmente, negou-me acesso aos livros afirmando que ‘paulistas só vêm aqui para roubar’.

população (1719-1826). Dois anos mais tarde, vem a lume *Populações mineiras: sobre a estrutura populacional de alguns núcleos mineiros no alvorecer do século XIX*. Nos dez anos seguintes, são publicados outros três estudos seminais: *Minas Gerais: estruturas populacionais típicas*; *Arraia-miúda: um estudo sobre os não proprietários de escravos no Brasil*; *Minas Colonial: economia e sociedade* – esse último em parceria com Francisco Vidal Luna.

Incansável pesquisador, em 2010, Iraci del Nero da Costa publicou, junto com Julio Manuel Pires, *O Capital escravista-mercantil e a escravidão nas Américas*. Nessa compilação de textos reflete a respeito do modo como se estruturava e como foi superado o sistema escravista no Novo Mundo. Um ano antes dessa publicação, lançou o portentoso *Escravidão em São Paulo e Minas Gerais* – escrito em colaboração com Francisco Vital Luna e Herbert S. Klein –, no qual reúne pesquisas desenvolvidas ao longo de décadas a respeito da população, estruturas domiciliares, mortalidade e vida social dos escravos paulistas e mineiros.

Iraci del Nero da Costa também foi pioneiro em perceber a potencialidade da internet na democratização do conhecimento, tendo fundado o Núcleo de Estudos em História Demográfica (NEHD), que

durante duas décadas manteve *online* o *Boletim de História Demográfica*, espaço não só de divulgação de textos de pesquisa, como também de interação e intercâmbio de mais de uma geração de historiadores.

Na entrevista que se segue, Iraci da Costa revela um pouco de sua trajetória intelectual e expõe alguns dos paradigmas que nortearam seus trabalhos de pesquisador e autor dos mais importantes na historiografia brasileira.

RAPM - Como surgiu seu interesse pela História de Minas Gerais?

Iraci del Nero da Costa - A resposta é dolorosa para meus amigos mineiros. Na verdade, eu desejava, no mestrado (final da década de 1960), dedicar-me à política agrária dos distintos períodos governamentais de Getúlio Vargas. Não obstante, minha orientadora, professora Alice Piffer Canabrava, não aceitou nenhum de meus projetos, pois afirmava e reafirmava que eu deveria me dedicar à Demografia Histórica, então cercada pelo imenso prestígio que lhe emprestou a tese de doutorado da professora Maria Luiza Marcílio. Na época, os orientadores não sugeriam, ordenavam. Dizia minha orientadora, “escrever sobre Getúlio significa elaborar mais um livro sobre um político largamente estudado, dedicar-se à Demografia

Hegel e Marx são os principais [autores de influência]; devo muito aos clássicos de nossa História, com Camões à frente, e os historiadores de Portugal.

Histórica representa colocar seu nome no plano internacional”. Depois de resistir por sete meses – anote-se que, na época, só se passava a receber o salário de professor da USP depois de aceita a dissertação pelo(a) orientador(a) –, verguei-me à vontade majestática e absolutamente correta da professora Alice. Meu primeiro objetivo foi Goiás Velho, onde residia o frei Simão Dorvi, que mantinha um arquivo com os acentos de paróquias de uma área que se estendia até os Estados do Norte e do Nordeste. Infelizmente, o arquivo de frei Simão não era utilizável para meus fins, pois a

ordenação que fazia da documentação era por ordem alfabética, sem uma separação em termos paroquiais. Enfim, centenas de paróquias juntadas num imenso arquivo único. Dirigi-me então a Ouro Preto. Minha primeira visita foi a uma paróquia que havia sofrido, fazia pouco tempo, um roubo espetacular¹ que muito perturbava seu pároco, o qual, simplesmente, negou-me acesso aos livros afirmando que “paulistas só vêm aqui para roubar”. Desesperado, dirigi-me diretamente ao arcebispo de Mariana, D. Oscar de Oliveira, doutor por Milão com a tese sobre os dízimos eclesiásticos no Brasil, historiador e homem excepcional. D. Oscar imediatamente entendeu meus propósitos, apresentou-me ao então padre responsável pela Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias, o hoje bispo D. Francisco Barroso. A ambos devo minha entrada na Demografia

Histórica. Trabalhava no porão da Casa Paroquial e, quando necessário, levava os livros para Mariana, pois apenas na sede da Arquidiocese de Mariana havia uma máquina de xérox, então inexistente em Ouro Preto. Devo a eles e ao carinho recebido em Ouro Preto, Mariana e, posteriormente, de meus colegas de Belo Horizonte meu apego a Minas Gerais e o respeito e a amizade que cultivo por muitos de seus filhos.

RAPM - Quais foram os autores que mais marcaram sua formação?

Iraci del Nero da Costa - Hegel e Marx são os principais; devo muito aos clássicos de nossa História, com Camões à frente e os historiadores de Portugal (Vitorino de Magalhães Godinho, um guia inesquecível) e do Brasil (chefeados por Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Jr. e Celso Furtado) aos quais se reportam meus conhecimentos. Na área da Demografia Histórica e da História Demográfica, não posso esquecer os clássicos como Michel Fleury, Louis Henry, Alfred Sauvy e Pierre Goubert, ao lado de quem se põem, em minha formação, as professoras Alice Piffer Canabrava e Maria Luiza Marcílio. Enfim, aponto aqui tão somente os autores que mais me impulsionaram a debruçar-me sobre a História e a História Econômica. Eles me levaram a Heródoto

[A Demografia Histórica] determinou uma revisão global de nossa História, tanto em seus aspectos macroeconômicos como no que se refere à constituição das famílias.

e a Tucídides, mas também me conduziram às dezenas e dezenas de colegas que deixaram suas contribuições em centenas de revistas e de livros.

RAPM - Quais foram, na sua opinião, as principais mudanças da historiografia a respeito da escravidão? Em relação à História Econômica, nas últimas décadas, quais foram os principais avanços?

Iraci del Nero da Costa - Essas perguntas confundem-se em minha cabeça. Na verdade, e talvez aí vá um tanto de exagero, a Demografia Histórica

desenvolvida a contar de nossa geração, e que se estende por algumas mais recentes, determinou, a meu ver, uma revisão global de nossa História. A própria constituição da nossa economia ao tempo do açúcar e do ouro viu-se revisitada, tanto em seus aspectos macroeconômicos quanto no que se refere à formação das famílias, seja de escravos, seja de livres, e à vida comezinha do dia a dia. Penso aqui num menino agregado de um senhor que o reconheceu como filho legítimo depois de seu casamento com a mãe da criança; ocorre-me a lembrança da senhora de 70 anos, viúva e sem maiores posses, que tinha como seu agregado um proprietário de vários escravos, o qual certamente a sustentava, contrariando a arraigada ideia de que agregados são tão só mão de obra barata de seus receptores. A propriedade escrava mostrou-se inteiramente distante da velha ideia

de um grande número de escravos possuídos por uma reduzida quantidade de grandes escravistas. A constatação da existência, ao lado das grandes propriedades, de um grande número de pequenos proprietários sem cativos – que em sua pequenez chegavam mesmo a exportar cerca de 15% do café aqui produzido – deu uma reviravolta nas velhas verdades que tomávamos como absolutas. Isso faz-me acreditar que as novas gerações, talvez dentro de uns 15 ou 20 anos, venham a aprender uma “História do Brasil”

muito distinta daquela que nos foi ensinada em nossa infância. A respeito de algumas dessas mudanças básicas, eu próprio escrevi vários textos, mas limito-me nesta resposta a lembrar o artigo de meu colega José Flávio Motta intitulado “Demografia Histórica no Brasil”.² Nele são sumariados os avanços realizados pelos estudos de Demografia Histórica no decurso das últimas décadas, salientando-se sua contribuição para o entendimento do processo de formação de nossa sociedade, assim como seu potencial revisionista no que respeita ao evoluir de nossa historiografia. Tais avanços são abordados a partir dos seguintes tópicos: estruturas familiares e domiciliares no passado brasileiro; padrões de distribuição da propriedade escrava e demografia da escravidão. Embora poucos, tais itens servem como indicadores da imensa contribuição que

Excetuados uns poucos, o Arquivo Público Mineiro e o de São Paulo aí se colocam, [os arquivos brasileiros] estão absolutamente abandonados.

fizemos à revisão de nossa História Populacional, Social e Econômica.

RAPM - Qual sua opinião sobre os arquivos brasileiros?

Iraci del Nero da Costa - Excetuados uns poucos (o Arquivo Público Mineiro e o de São Paulo aí se colocam), estão absolutamente abandonados. Falta-lhes tudo, das telhas à iluminação e às condições de acondicionamento e reprodução da documentação, a qual, muitas vezes, vai-se perdendo, esfarelando-se pelo manuseio indevido – porém inevitável, pois

se deseja pesquisar – ou esmaecendo em decorrência da umidade. O exemplo maior de tal descaso é dado não por um arquivo, mas por um seu irmão: o Museu do Ipiranga (SP), o qual, simplesmente, fechou as portas e as manterá assim por vários anos, uma vez que se tornou inviável a mera visita a suas dependências. Tenho notícia de que muitos pesquisadores trabalham no sentido de salvar nossa rica documentação, mas nos faltam, sobretudo, recursos privados e públicos de vulto aptos a preencher as largas deficiências de nossos arquivos.

RAPM - Qual a importância dos arquivos de Ouro Preto em sua pesquisa?

Iraci del Nero da Costa - Como afirmado anteriormente, minhas pesquisas devem-se aos arquivos mineiros. À época de

minha dissertação e de minha tese de doutoramento, servi-me tanto dos livros paroquiais de Ouro Preto, já referidos, como dos documentos pertencentes ao acervo da Casa dos Contos, depositados no Arquivo Público Mineiro e no Arquivo Nacional. Ao tempo de minha dissertação e tese, praticamente nada se encontrava em Ouro Preto, embora fossem documentos de Ouro Preto.

RAPM - Como avalia a relação entre as universidades e a pesquisa em arquivos?

Iraci del Nero da Costa - Seria irresponsabilidade minha responder a tal questão; já aposentado, pouco conheço concretamente do assunto. O que sei, pelos trabalhos que vejo produzidos, é que a pesquisa é intensa por parte de demógrafos, historiadores, historiadores e geógrafos. Mas nos falta ainda a pesquisa dos arquivos existentes e que dormem esquecidos em cidades que não chegaram a enviar seus acervos para as capitais, em sedes de prefeituras e de casas legislativas, bem como em prédios ocupados por outras instâncias públicas. Falta-nos, igualmente, como se chegou a fazer no Paraná, localizar e resgatar para a história a documentação pública ainda colocada em mãos de particulares. Enfim, há um largo caminho a percorrer; nossa relativa pobreza e o descaso das autoridades com respeito à história

Pensem que, por digitalizarem uns poucos documentos colocados em arquivos centrais, estão desenvolvendo plenamente o trabalho que lhes cabe.

e seus fundamentos são obstáculos a vencer.

RAPM - Qual é, em sua opinião, o potencial dos arquivos paroquiais?

Iraci del Nero da Costa - Imenso. Foram eles, de certa forma, deixados de lado em face das listas nominativas e outros documentos que exigem um esforço menor em termos de aplicação à leitura e enquanto ao tempo necessário para levantá-los. Várias vezes repisei esse tema, pois, como dizíamos os primeiros que tivemos contato com os arquivos paroquiais, “só se

trabalha uma vez na vida com tais documentos” tamanho é o esforço e o tempo empregados nesse manancial inigualável de informações. Lembro-me de que nos anos 1970 os ingleses mobilizaram o trabalho de voluntários aposentados dirigindo-os à transcrição e codificação dos documentos eclesiais. No Brasil, segundo me parece, os pesquisadores ainda não se empolgaram pela tarefa de preservar tal riqueza absoluta. Quando cheguei à documentação da paróquia de Nossa Senhora da Conceição,³ estava ela jogada, jogada é o termo, dentro de um armário no porão da Casa Paroquial. Tanto os clérigos quanto as pessoas com as quais entrava em contato assustavam-se ao saber que eu estava interessado em “todas as pessoas”, e não procurava apenas o dado de algum inconfidente. Em contato com os documentos sem proteger as

mãos, inexperiente que era, fui acometido de um panarício, o qual me fez voltar para São Paulo, pois meu dedo foi tamanhamente afetado que não podia continuar a trabalhar com a mão inchada e com a dor causada por sua movimentação! Em minha opinião, é necessário, nos congressos que se organizam, dedicar especial atenção à questão dos arquivos, da documentação dispersa e das fontes paroquiais. A esse respeito faço afirmação categórica: os pesquisadores ainda não alcançaram a importância desses tópicos. Pensem que, por estarem a digitalizar uns poucos documentos colocados em arquivos centrais, estão desenvolvendo plenamente o trabalho que lhes cabe; a meu ver, enganam-se, pois o que está por se fazer vai muito além disso.

RAPM - Qual foi sua melhor e sua pior experiência em arquivo?

Iraci del Nero da Costa - Não existe uma pior, existe a mais dolorosa, foi a de Goiás Velho, pois havia uma imensa coleção de dados que se revelaram inúteis para mim. Do quarto de meu hotel, apreciando um lindo riacho que se colocava ao seu pé, aprendi que realmente se pode ter uma dor de cabeça das mais fortes quando se sofre um grande choque adverso. Um frei⁴ que trabalhou por décadas para construir um arquivo exemplar estabeleceu um arranjo impossível de se tratar sem um computador desses utilizados hoje pela Nasa. A melhor não foi em um arquivo, mas por um arquivo, vale dizer, o conhecimento que travei com D. Oscar de Oliveira, cuja superior compreensão me abriu as portas da Demografia Histórica.

RAPM - O que diria hoje a um jovem historiador em relação a temas de pesquisa pouco explorados a respeito de Minas Gerais?

Iraci del Nero da Costa - Procure uma pergunta sobre Minas, sobre sua cidade, sobre sua família, uma pergunta que o aflija, que o apoquente, para a qual você queira encontrar resposta custe o que custar. Isso o mobilizará por inteiro, e sua busca sempre resultará numa bela pesquisa e numa contribuição inestimável para nossa História. Não existem temas, existem vontades que se fazem resultados infinitamente apreciáveis.

Notas |

1. Paróquia de Nossa Senhora do Pilar, em Ouro Preto (MG), de onde foram furtadas, em 2 de setembro de 1973, 17 peças sacras, entre elas uma coleção formada por custódia e três cálices de prata folheados a ouro, de origem portuguesa, usados no Triunfo Eucarístico, em 1733, a maior festa religiosa do Brasil colonial. (Nota do Editor)

2. In: ARRUDA, José Jobson; FONSECA, Luís Adão da (Org.). *Brasil-Portugal: história, agenda para o milênio*. Bauru: Edusc; São Paulo: Fapesp; Portugal: ICCTI, 2001. p. 473-507.

3. Paróquia de Nossa Senhora de Antônio Dias, Ouro Preto, MG. (Nota do Editor)

4. Frei Simão Dorvi.

Iraci del Nero da Costa é graduado em Economia pela Universidade de São Paulo (USP), onde concluiu mestrado e doutorado também nessa disciplina, abordando tema concernente à estrutura socioeconômica e demográfica, no século XIX, de várias localidades mineiras, bem como a livre-docência que versou sobre os não proprietários de escravos. Como professor dessa instituição e pesquisador apoiado pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, realizou importantes pesquisas no campo da Demografia Histórica, com destaque para estudos pioneiros relativos a Minas Gerais colonial. É autor de extensa bibliografia, da qual se podem citar os livros *Minas Gerais: estruturas populacionais típicas*; *Arraia-miúda: um estudo sobre os não proprietários de escravos no Brasil*; *Minas Colonial: economia e sociedade*. <idd@terra.com.br>